

Recado de João para João

ILKA BOAVENTURA*

O mineiro João Batista, natural do Morro da Garça, escreveu em 1963 para outro mineiro, João Guimarães Rosa.

A missiva tratava de esclarecer, dentre tantos, um dos mistérios do Morro: o de sua intimidade com um médico, escritor e boiadeiro, que lá pelos idos de 52 passou por ali, conduzindo uma boiada, até o sertão do São Francisco. Naquela época, pôde o boiadeiro João, namorá-lo a norte, leste e sul. Com olhos de grande escritor, percebê-lo como símbolo.

E tratava, também, de outro mistério: o do tal recado, que o belo morrão dava para Pedro Orósio, personagem de um conto que a este tempo já estava sendo lido em francês.

João Guimarães Rosa, então eleito para a Academia, respondeu ao Padre João Batista, historiógrafo e hábil cuidador da paróquia do Morro da Garça.

E assim, o Padre "Leite", como é conhecido na região, recebeu o recado do João e entendeu mais um dos mistérios do Morro. De João para João, compreendeu o conto, guardou o segredo e rezou.

*Professora de Pós-Graduação em Antropologia da UFSC.

Hoje sobre Padre João Batista,

Aligrit-me com sua carta, cheia de cordial e simpática, e, ao ler, fico imaginando. Isto é, surti-o de saber o nome do nascido, suas origens, visões, impressões, sua família, o lugar, o tempo e endereço que está a casa dos Redemptoristas, e, ao voltar a sigla postada no nome, penso que não pertencera aqui, ao Brasil. Quando recordo o nome de João Batista, lembro-me dos missionários de Santo Afonso Maria de Ligório, principalmente por serem os soldados missionários de São Paulo, e também de São Vicente holandês. Ah, e de São José, também há, com suas e nasperas da chacara, no tempo dos bons Padres São Batista, Godofredo Strijbos, Henrique Brandão, Jerônimo, Clemente, Cornelio, Sebastião, Ferreira, Guilherme, Paulo e outros, e também os amigos Inácio Dorotheu, Eusebio, Lucas, etc. — todos qualificadamente espididos de vigor limpo e exata irradiação espiritual, so com sua presença e exemplos atraindo a gente para a devoção e o amor as coisas da verdadeira religião. E, o nosso Morro da Garça, que das partes mais altas de Cordisburgo as vezes se avista, pode enxergar-lo, da banda do norte, do leste e do sul, sucessivamente, durante dias, quando vim, em 1952, com uma boiada, do sertão da Sirga, no São Francisco. É belo, na verdade. Pode ser bem o símbolo que nele vê. Já está ele sendo lido no estrangeiro, na tradução francesa do livro; apenas, verteram o nome: "La se drasse le Morne du Héron, solitaire, triangulaire et sombre, semblable à une pyramide."

* * *

Sobre "O Recado do Morro", que mais poderei acrescentar? Em arte, não vale a intenção, e, assim, o autor nem tem o direito de "explicar" uma estória sua já publicada. So posso achar que não estarão talvez de todo errados os comentadores e criticos que viram naquela noveleta, principalmente, a afirmação do primado da intuição, da inspiração (e da revelação, não menos), sobre as operações e conceituações da logica e as conclusões da intelligencia reflexiva.

De fato, em que se resume a estória? Um homem, bom, forte, simples, primitivo, identificado com a natureza no que ela tem de mais alto, Pedro Orósio (Pedro: a pedra; "oros", em grego, monte) por apelido Chambergo ("cha": pianalto; "berg", em alemão: monte), não sabe que está correndo grave perigo: seus falsos companheiros maquinam assassina-lo. Mas a própria natureza (que se confunde, aqui, com o subconsciente de Pedro, se não com o "subconsciente coletivo" ou com o fundo escuro extra-racional, do qual as revelações brotam) tenta "avisar-lo" do perigo. O Morro, Morro da Garça. Pedro, ele mesmo, nada escuta, nada capta; e porque esta voltado demais para a aparente realidade, para o mundo social, externo, de relações, objetivado — sempre enganoso. Quem aprendendo o recado, inicialmente, e o troglodita e estrebótico Gorgulho. E no seguir dos dias, o "recado" do Morro vai sendo retransmitido, passado de um a outro ser receptivo — um imbecil (q. Qualhacôco), um lenino (o Joãozezim), um bobo de fazenda (o Gusgue), um louco (o Homênedomine), outro doído (o Coletor), ate chegar a um, artista, poeta, compositor (o Pulgape). Sete elos, 7, numero simbólico, como simbolicos são os nomes das fazendas e fazendeiros percorridos pela comitiva. Cada um daqueles 7, involuntariamente, vai enriquecendo e completando o recado, enquanto que aparentemente o

deturpam. De cada vez que a sua criação se faz, o Pedro está presente, e nada entendi. Sempre lembrança aquilo os "pobres" de espirito", marginais da razão eterna, entes inofensivos, simples criaturas de Deus. E, enfim, o artista, que, movido por intuição mais acesa, captura a informe e esdrúxula mensagem sob a forma de inspiração poética, ordenando-a em arte e restituindo-lhe o oculto sentido: tudo serviu como genese de uma canção. Então, só então, sim, ouvindo essa canção, e, principalmente, repetindo-a, cantando-a (isto é, perfilhando-a no coração, na alma), é que Pedro entende o importante e vital significado da mesma. Recebe o aviso, fica repentinamente alertado, desperta, e reage contra os traidores camaradas, no ultimo momento, conseguindo salvar-se. Que tal.

Mas, por favor, não cite jamais o meu nome, a respeito do que acima ficou dito. Estou, aqui, apenas repetindo o que se escreveu e se disse sobre o sentido de "O Recado do Morro", isto é, repito opiniões de leitores e de criticos. Eu, mesmo, não tenho, como já disse, o direito de me manifestar. Mas, por outro lado, não podia deixar sem resposta o que me pede em carta tão curvelana e tão amiga.

E, com o melhor abraço, a mais cordial e grata estima

do

Seu

Amisericórdia, *Assy*

P.S. - Reze por mim, quando se lembrar de mim.
Obrigado.

X de cada ve bxhnsytre

bhhb b